



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

29 DE ABRIL
PALÁCIO DAS MANGABEIRAS
BELO HORIZONTE — MG
IMPROVISO AO SER HOMENAGEADO
PELAS CLASSES POLÍTICA E EMPRE-
SARIAL DO ESTADO

Meus Senhores:

Eu fico agradecido e deveras emocionado com esta homenagem que vem de meses prestada pela classe empresarial e pela classe política do Estado e fico satisfeito também porque, junto com a homenagem exagerada para os meus méritos, ouvi verdades. Vi aqui reprisadas, através do orador das classes empresarias, verdades já conhecidas, mas que, como verdades, é bom que sejam sempre reprisadas. E, ao ouvir essas verdades, passava pela minha cabeça aquela euforia de desenvolvimento que se apossou do País nos idos de 1964 e 1965, aquela euforia que esbarrou na crise energética e que, da crise energética, deu inflação importada e uma inflação produzida internamente. E veio-me então a preocupação de que não era mais possível prosseguir o País naquele ritmo de desenvolvimento inicial sem abalar, seguramente, as estruturas da nossa sociedade. Dois caminhos naquela época, já no início do governo do eminente presidente Geisel, se delineavam para o País: prosseguir naquele

ritmo e levar o País a uma dívida externa incalculável e impossível para os recursos de que a Nação poderia dispor a médio prazo. Ou, de outro lado, que era bem fácil fazê-lo, restringir por todos os meios o desenvolvimento nacional e entrarmos numa recessão que a todos viria sacrificar, mas, em particular, iria sacrificar o assalariado e, mais em particular ainda, ao operário brasileiro.

Daí por que optamos por um meio termo. Não parar o desenvolvimento do País e, muito menos, permitir uma total recessão.

É certo que o caminho não é fácil. Um país que chega com esforço a exportar 20 bilhões de dólares, mas consome cerca da metade para pagar o petróleo importado, e a outra metade para amortizar o serviço da sua dívida externa, não pode pensar em grandes vôos.

Daí porque o meu Governo se fixou de saída em apenas dar apoio àqueles projetos para os quais tivéssemos, na realidade, recursos e, ao mesmo tempo, não permitir que, no plano social, tivesse uma ebulição capaz também de abalar a atividade da nossa gente e da nossa sociedade.

O futuro dirá se o caminho foi certo, mas se alguma coisa os dois anos do meu Governo não trouxeram de bem e de progresso para o País, já disse e eu repito isso anteriormente, o meu Governo deve orgulhar-se e eu me orgulho disso, de ter evitado males muito graves para a Nação, males de ordem social e males também de ordem econômica.

Não adianta nós querermos disfarçar, que o futuro desses dois anos é sombrio para nós no que diz respeito ao combate à inflação. Mas nós não devemos temer, porque repito o que já disse em outras ocasiões, não conheço remédios açucarados para combater a inflação. E

se é verdade que ela deve ser combatida, devemos estar convictos de que apenas a nós convém e é possível combatê-la. Com nossos recursos, mas com muito sacrifício. E este sacrifício eu tenho pedido nos primeiros anos do meu Governo, eu tenho pedido a todos os setores da sociedade, e um dos mais sacrificados — porque diminui se o ritmo de desenvolvimento, o crédito está difícil e os juros estão muito altos — são os Senhores.

Bem sei das amarguras por que a classe empresarial passa no momento, mas eu tenho fé de que, passados esses dois anos de combate à crise, possamos enfrentar dias melhores.

É comum ouvir-se na imprensa e por vezes na Oposição, que o futuro é sombrio no plano político, porque a situação econômica é de crise. Alguns apontam não ser possível a normalização política do País, porque o povo não está satisfeito e sofre as agruras da inflação. E, eu pergunto: como é possível os outros países, que sofrem também essa crise inflacionária, alguns em estado, até, mais agudo que a do Brasil, continuar normalmente a sua vida democrática? E se é esse preço que me pedem, de paralisar a normalização política do País, para que se recupere economicamente, eu prefiro tentar aquele caminho em que outros perserveram, que é persistir na normalização política do País, sem temer eleições, certo de que o nosso povo, a nossa gente, o nosso operário, as nossas classes liberais, as classes empresariais, os estudantes, o povo de uma maneira geral já está suficientemente amadurecido para saber que eles, da oposição, amanhã no governo, também como nós, terão as mesmas dificuldades para atravessar essa crise em prazo curto. Não há de ser a alternância de nomes que vai trazer os dóares de que precisamos para normalizar economicamente a Nação.

O que precisamos, isto sim, e para isto eu conclamo os Senhores, é a união de todos, sejam eles concordantes ou discordantes conosco, mas união em todo dia, em busca de uma possível saída para o País e eu a vejo iniciar para que enfrentemos dias melhores e possamos então pensar, aí sim, em seguir o rumo de um Brasil grande, forte, pacífico, um Brasil feliz.

Muito obrigado.